

O PASSO A PASSO PARA A ELABORAÇÃO DE UM BOM TEXTO

CAVALCANTE, Mônica Magalhães.

Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.

Maria Celeste Soares Ribeiro¹

Universidade Federal de São Paulo

Ainda que não anunciado pela autora, o livro *Os sentidos do texto*, de Mônica Magalhães Cavalcante (2012), faz as vezes de um manual para professores sobre a elaboração e o estudo de textos: apresenta em pormenores cada tema, exemplifica de forma didática o que foi exposto, retoma conceitos pré-existentes no repertório do leitor e, ainda, propõe um conjunto de atividades para que o professor exercite com seus alunos.

A autora, que é doutora em linguística e professora na Universidade Federal do Ceará, atinge o objetivo anunciado no título, qual seja: mostrar os aspectos e os fatores que são relevantes para dar sentido a um texto.

A capa do livro convida à leitura: retrata quadro de Claude Monet que traz uma mulher, provavelmente Camille, sua esposa, mergulhada na leitura de um livro, com seu vestido e chapéu levemente róseos e aquela sensação de luminosidade que nos impressiona nos quadros do pintor. Uma incorreção deve ser apontada à capa: a pintura retratada é “La liseuse” (a leitora) e não “Le printemps”, como mencionado.

1. Resenha elaborada na disciplina Leitura e Produção de Textos II, segundo semestre, 2012, Unifesp Universidade Federal de São Paulo. Orientador: Sandro Luis da Silva, professor doutor do Curso de Letras da Unifesp Universidade Federal de São Paulo.

A obra está dividida em sete capítulos. Cada um deles traz uma pequena introdução sobre os assuntos que serão abordados e apresenta, no final, proposta de atividades para realização com alunos.

O capítulo um trata dos conceitos de **texto, contexto e coerência**. A autora (CAVALCANTE, 2012, p.17-19) considera que o texto é uma “unidade de linguagem dotada de sentido (...), [que cumpre] um propósito comunicativo direcionado a um certo público, numa situação específica de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura”. Ao incluir que o texto é direcionado a um público determinado, pressupõe-se a interação verbal na constituição do texto, pressuposto este defendido pela autora ao longo do livro. Para reiterar a concepção de interação, ela comenta brevemente a evolução do conceito de texto: de “mero artefato lógico do pensamento do autor” a “processo de interação (...) que leva em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural”.

Para discutir os fatores que interferem na compreensão e atribuição de sentido ao texto, a linguista lança mão das autoras Koch e Elias², que destacam a necessidade do conhecimento linguístico, enciclopédico e interacional do interlocutor, bem como o conhecimento do contexto de produção.

Também a coerência textual e os fatores de textualidade são abordados neste primeiro capítulo. A coerência textual é considerada, pela autora (CAVALCANTE, 2012, p.32, 33), como “um princípio de interpretabilidade”, decorrente de “fatores extralinguísticos e pragmáticos inerentes à construção de sentidos” e que são acionados durante o evento comunicativo. Como fatores de textualidade (fatores que conferem coerência ao texto) são considerados: continuidade, progressão, não contradição e articulação, todos citados a partir das “metarregras formuladas por Charolles³”.

2. KOCH, Ingedore G.V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

3. CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. Trad. Paulo

A autora praticamente não conceitua contexto. Ocupa-se em descrever os tipos de conhecimento necessários para a compreensão de um texto, destacando que as palavras de um texto representam o cotexto (que ela também denomina de “contexto explícito”) e que este não é suficiente para dar sentido ao texto. Ressalte-se que, se por um lado a abordagem do conceito de contexto ficou um pouco vaga (o que não poderia ter ocorrido, tendo em vista que o termo faz parte do título do capítulo), por outro a conceituação de coerência textual ficou bastante clara, principalmente porque a autora formulou um tipo de roteiro pragmático para avaliar a coerência de um texto a partir da presença ou ausência dos fatores de textualidade.

Gêneros discursivos é o tema do capítulo dois. Logo de início a autora (CAVALCANTE, 2012, p. 44-46) diferencia texto de gênero discursivo. Segundo ela, gêneros discursivos “são padrões sociocomunicativos” e o texto é a forma como o gênero discursivo se manifesta. A escolha do gênero discursivo varia conforme o “propósito comunicativo” do enunciador, mas também é influenciada pelos “elementos socioculturais historicamente constituídos (...), ao grau de formalismo, à possibilidade de participação simultânea dos interlocutores”. Bakhtin⁴ é citado para discutir a função social do gênero discursivo, bem como suas características de estabilidade e instabilidade. A autora (CAVALCANTE, 2012, p.52, 56) apresenta também a relação entre suporte e gênero discursivo, buscando em Marcuschi⁵ a definição de suporte e esclarecendo que a relação entre ambos “é tão estreita que não raro percebemos a tomada de um por outro”. O mesmo

Otoni. In: GALVES, Charlot; ORLANDI, Eni; OTONI, Paulo. (orgs). *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988. p. 39-85.

4. BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

5. MARCUSCHI, Luís A. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLV/C*. João Pessoa, v.1, n.1, p.9-40, out. 2003.

capítulo discorre brevemente sobre gêneros digitais e hipertextualidade, atribuindo ao universo virtual “o surgimento de gêneros que ainda hoje estão se estabilizando”.

O capítulo três aborda as **sequências textuais**. A autora (CAVALCANTE, 2012, p.61, 62) busca em Bronckart⁶ elementos para definir sequência textual como “unidades estruturais, relativamente autônomas, organizadas em fases”, que conteriam as unidades de sentido ou proposições. Ela utiliza uma figura, na forma de um círculo, em que especifica o que chamou de “planificação de um texto”, e que facilita a compreensão do que é a sequência textual. Cita seis sequências textuais: narrativa, argumentativa, descritiva, injuntiva, explicativa e dialogal, o que difere de Koch; Elias (2011), que consideram a existência apenas das cinco primeiras. A linguista (CAVALCANTE, 2012, p.63-65) cita Adam⁷ como referência para afirmar que “todo texto apresenta uma sequência dominante, em relação à qual se organizariam as demais sequências dominadas”, o que conferirá ao texto um caráter heterogêneo em virtude das várias combinações de sequências textuais. Em seguida são apresentadas as seis sequências textuais nomeadas pela autora, de forma bastante especificada: ela propõe analisar cada sequência a partir de um “modelo prototípico” constituído por fases que variam quanto ao número e forma de organização a depender da sequência textual em foco. A clareza proporcionada pelos vários exemplos de sequências textuais contidos neste capítulo confere-lhe muita utilidade para o ensino/aprendizagem desse tema.

A conceituação de **tópico discursivo** é o tema do capítulo quatro. Cavalcante (2012, p.79) utiliza as teorias de vários autores, como Marcus-

6. BRONCKART, Jean P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 1999.

7. ADAM, Jean-Michel. *Les textes: et prototypes*. Paris : Naham, 1992.

chi⁸ e Koch⁹, para afirmar que tópico discursivo é o “tema central de um texto” e que a sua identificação, por parte do interlocutor, condicionará a interpretação do texto. A convergência das unidades de sentido para um eixo temático (centração) e a organicidade são as características do tópico discursivo, discutidas e também exemplificadas no capítulo.

O capítulo cinco discute **referenciação e compreensão de textos**, apresentando os conceitos de referenciação, referente e expressão referencial, bem como as suas características, com destaque para a utilização desses recursos linguísticos para a coerência textual. A autora (CAVALCANTE, 2012, p.98) conceitua referente como “um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais”. Este conceito é construído com o leitor a partir de exemplificações desde o início do capítulo, o que permite a apreensão das formas utilizadas para a referenciação: a repetição do termo, a anáfora, a elipse e a expressão referencial. São abordadas as características da referenciação: (re)elaboração da realidade, negociação entre interlocutores e trabalho socio-cognitivo. Ela embasa a discussão de cada uma dessas características e alerta que optou por tal abordagem do tema referenciação por privilegiar a interação social na produção desse livro. E finaliza o capítulo com o conceito de referenciação como um processo, que, diga-se de passagem, mostra a perspicácia da autora: ao mesmo tempo em que demonstra que a referenciação é um processo, a forma como exprimiu o conceito foi derivada das etapas de raciocínio que protagonizou juntamente com o leitor ao longo do texto, ou seja, foi processual. Tal raciocínio ‘impossibilita a incompreensão’ do conceito, tamanha a clareza do que ocorreu

8. MARCUSCHI, Luís A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, n.48, v.1, p.7-22, 2006.

9. KOCH, Ingedore G. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

na explicação. Esse tema é retomado no capítulo seguinte – **expressões referenciais e suas funções no texto** – em que são abordados os usos de anáforas (diretas e indiretas), introdução referencial e dêixis (pessoal, espacial e temporal). Ela encerra o assunto com a discussão (e farto uso de exemplos) das funções textual-discursivas das expressões referenciais.

O capítulo final trata da **intertextualidade**. Cavalcante (2012, p.146-155) cita alguns autores como Kristeva¹⁰ e Bakhtin¹¹ para discorrer sobre as relações intertextuais. Adota e adapta a proposta de Piègay-Gros¹² para apresentar quais são as relações intertextuais e suas características. Tais relações são divididas em “relações de copresença” e “relações de derivação”. Aquelas são representadas pela citação, referência, plágio e alusão; estas, por paródia, *détournement*, travestimento burlesco, pastiche e paráfrase. Do mesmo modo que nos capítulos anteriores, cada uma das relações é explicada a partir de textos utilizados como exemplos.

Um recurso interessante utilizado pela autora foi destacar em negrito, em cada capítulo, termos ou conceitos importantes para o entendimento do tema em questão, o que facilita a apreensão dos aspectos importantes para a compreensão do que é tratado.

Como destacado no início da resenha, o livro pode ser considerado um manual. Ou, dado o formato ‘quase’ dialógico em que foi escrito e sua constituição em etapas gradativas de complexidade em torno da questão “dos sentidos do texto”, o livro pode ser utilizado como um curso para a formação de professores sobre o tema tratado.

10. KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

11. BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

12. PIÈGAY-GROS, Nathalie. *Introduction à l'intertextualité*. Paris : Dunod, 1996.